
TRADUÇÃO

O GEÓGRAFO E O MAPA² PONTO DE VISTA E QUESTIONAMENTO DA PARTE DE UM GEÓGRAFO- CARTÓGRAFO

Tradução: Andréa de Castro Panizza¹

BORD, JEAN-PAUL. LE GEÓGRAPHE ET LA CARTE:
POINT DE VUE ET QUESTIONNEMENT DE LA PART
D'UN GEÓGRAPHE-CARTOGRAPHE. CYBERGEO, N^o
17, 20 DE MARÇO DE 1997.

Jean-Paul Bord³

Palavras chaves: Cartografia – epistemologia - relações entre
cartografia-geografia

O objetivo desse texto é duplo: de um lado, conhecer as posições dos geógrafos de hoje em relação ao mapa e, de outro lado, lançar uma discussão direta e informal com os leitores, geógrafos, cartógrafos ou outros, vindos de outras disciplinas, sobre essa articulação ainda mal explorada.

¹ Doutoranda do Departamento de Geografia (FFLCH/USP) e Mestre em Geografia – Sensoriamento Remoto (DEA) pela Universidade de Rennes 2 – França. E-mail: apanizza@usp.br.

² Texto original em <http://www.cybergegeo.presse.fr/cartogrf/texte1/jpbord.htm>.

³ Atelier de Cartographie, Faculté de Droit, d'Économie et des Sciences Sociales. Université François-Rabelais.

Em todos os tempos, o geógrafo utilizou o mapa: “do século XVI ao fim do século XVII conhecer o mapa, ou conhecer a geografia, era um todo único” (DE DAINVILLE, 1964). Posteriormente, a partir do século XIX, primeiramente com C. Ritter, me parece, os geógrafos eram mais críticos em relação o mapa. Vários entre eles diziam ver nos mapas sua ferramenta privilegiada, porém cada vez mais vozes se levantavam para contestar o que C. Ritter já chamava “da ditadura da cartografia sobre a geografia” (citado por FARINELLI, 1989). Entretanto, a equação mapa igual a território ou espaço é ainda forte.

O primeiro ponto que poderia ser esclarecido pelo geógrafo é, primeiramente, aquele da definição do mapa. O que é um mapa para o geógrafo?

A palavra dominante resta ainda aquela da representação. DE DAINVILLE (1964) que escreve na linguagem dos geógrafos entre 1500 e 1800 já deu essa definição: “A representação sobre uma folha plana - sobre uma pele (pergaminho), normalmente sobre papel, o mapa vem de *charta* que significa o papel sobre o qual se escreve - da superfície da terra ou, ao menos, de uma de suas partes, desses encurtamentos que os geógrafos chamam de projeções”.

Ainda hoje, os termos representação, superfície terrestre e espaço voltam freqüentemente nos escritos dos geógrafos: “um mapa é uma representação geométrica plana, simplificada e convencional, do todo ou de uma parte da superfície terrestre, e isso dentro de uma relação de similitude conveniente que se chama escala” (JOLY, 1976). “O mapa é uma representação, com a ajuda de signos convencionais, de uma parte da superfície terrestre” (SCHEIBLING, 1994). “O mapa, representação do espaço, coloca em evidência as interrogações da geografia” (FERRAS, HUSSY, 1994). Entretanto, (cada vez mais) outras vozes se levantam, pouco na geografia é verdade, para abrir sobre outras dimensões:

“O mapa é um movimento tanto intelectual quanto artesanal que dá forma e contornos, que coloca no espaço (que espacializa) um conhecimento, através de rumores ou por ouvir dizer coisas sobre o mundo” (JACOB, 1992).

“Os mapas tendem a “dessocializar” o território que representam. Favorecem a noção do espaço socialmente vazio. A qualidade abstrata do mapa, que é incorporada tanto nas linhas de uma projeção ptolomaica do século XV quanto nas imagens contemporâneas da cartografia informatizada, diminui a tomada de consciência que os seres humanos vivem na paisagem” (HARLEY, 1995).

Esse último ponto de vista não é novo, ele nos faz voltar ao século XIX com Erdkunde e C. Ritter: “se o geógrafo empregar sua coleção de mapas como recurso principal para a demonstração de sua ciência, como aliás muito se fez nos sistemas geográficos, este cometerá então o maior erro, o mesmo do fisiologista que gostaria de estudar o coração, ou a essência da vida, pela anatomia do cadáver sem compreender que ele estava em frente a uma caricatura reduzida de um corpo humano, um corpo morto” (citado por TORRICELLI, 1990).

F. Farinelli (1989) indica, com Ratzel, o último representante de Erdkunde: “vamos voltar ao que C. Ritter pensava em relação à ditadura da cartografia sobre a geografia, à coincidência entre representação geográfica e imagem cartográfica da realidade”. Esse insucesso vai induzir o fato de que “a aparência vai se tornar a realidade” (FARENELLI, 1989).

Já no fim do século XIX, P. Vidal de la Blache (1894) ilustra maravilhosamente os propósitos de F. Farinelli quando ele ressalta no prefácio do Atlas Geral: “o mapa do país a ser estudado é acompanhado de um mapa físico; essas se esclarecem, se complementam, uma a uma, e encontram um complemento nos mapas ou nas figuras esquemáticas cuja geologia, climatologia e estatística forneceram o tema. Esta espécie de dossiê (...) constitui, de uma maneira mais ou menos completa de acordo com o caso, tem como objetivo colocar sob os olhos o conjunto de traços que caracterizam uma região, a fim de permitir ao espírito estabelecer uma ligação entre eles. Na realidade, é na nessa ligação que consiste a explicação geográfica de uma região”.

Um século mais tarde, ou quase, no tomo número 1 da Geografia Universal, a decifração do mundo, R. Brunet (1990), parecer ir no sentido de P. Vidal de la Blache, quando ele escreve: “Ninguém pode “ver” a

paisagem política da região, nem mesmo sua paisagem social ou econômica. O mapa o faz ver. Não a carta topográfica que é somente uma vista do alto dos acidentes da superfície... substituto e complemento da paisagem: aqui também os autores escolheram, depois desenharam e designam. Eu gostaria de falar das cartas temáticas, essas que mostram as nuances e as oposições, os centros e as periferias... breve, as estruturas. Esta outra paisagem está cheia de indícios e nós decifraremos os códigos”.

Essas cartas temáticas que “você podem frequentemente confeccionar sozinhos, ou fazê-las a nosso modo, as outras cartas não” segundo a expressão de R. Brunet (1987). Como os geógrafos vêm esses mapas? Não se trata de ter uma posição, particularmente, a favor ou contra a carta temática, mas, sobretudo de explicar as razões que conduzem ou não a realizar as cartas e tentar desconstruir, no primeiro caso (aquele que conduz a realização da carta) o encaminhamento que levou à carta. F. Ratzel utilizou as cartas prevenindo que era necessário “problematizar a carta” (citado por FARINELLI, 1989).

Como os geógrafos procedem frente a esta ferramenta?

“Os geógrafos dizem, de boa vontade, considerar os mapas como uma ferramenta de pesquisa privilegiada” (RIMBERT, 1973 e 1995) é o que corroboram vários geógrafos em suas obras e artigos. R. Ferras e Ch. Hussy (1994) escrevem: “vemos em nossos dias uma renovação interdisciplinar. De um lado, a geografia manifesta um interesse maior frente à gráfica - é suficiente mencionar o nome de J. Bertin - interesse esse que vem de encontro, aliás, a certas formulações semiológicas de seu próprio campo de estudo. A cartografia, do seu lado, se aplica, cada vez mais, à edição de cartas temáticas, portanto a uma difusão maior de obras geográficas”. Outros autores consideram o mapa como uma “escritura perigosa” da geografia (Farinelli, 1989), ou notam a potência inquietante do mapa (Lussault, 1996). É verdade também, que se seguimos S. Rimbert (1995) “nesse fim de século, as relações da geografia e da cartografia são cada vez mais ambíguas”? Que o mapa é uma ferramenta que, atualmente, tende a escapar aos geógrafos por que, explica: “de um lado, muitas outras disciplinas que igualmente recorreram

aos recursos do mapa, dos gráficos, das imagens; por outro lado, tem-se dificuldade de seguir a explosão tecnológica que, nesses últimos vinte anos, mudaram sua natureza”.

Dentro dessas tomadas de posições diversas, nas quais o mapa é às vezes sublimado às vezes fortemente difamado, podemos nos juntar à Ch. Hussy (1990) quando ele escreve: “Testemunho de uma época e, pelo mesmo fato, de uma visão de mundo, os geógrafos se sucedem e se opõem através de uma dimensão crítica, implícita e explícita, que os faz às vezes se centrar, às vezes se marginalizar, elaborando ou contestando as imagens. Mas o uso do discurso não é, intrinsecamente, um uso (ou um abuso) de poder e é preciso assim imputar a um código de expressão, lingüística, gráfica ou matemática, a parte do inconsciente que as ciências do homem veiculam no conhecimento?” Pois, todos os pontos de vista evocados até aqui não são todos passíveis de defesa?

O que me parece mais danoso, é a ausência de reflexões sobre o mapa. Segundo A.C.I. (1996), os cartógrafos “as pessoas que se consagram à cartografia”, mostram insuficientemente o caminho. Na geografia, a função dos cartógrafos é essencialmente prática e profissional, as ferramentas que servem a cartografia tornam-se cada vez mais dominantes, particularmente a C.A.O.⁴ e o S.I.G.⁵. Desta forma, em 53 antigos estudantes do D.E.S.S.⁶ de Paris I, recenseados e exercendo uma profissão, 34 trabalham com os S.I.G. (aproximadamente 65% segundo M. Béguin, 1996)

Essa profissionalização pode não parecer, em si mesma, como um mau caminho, mas ocorre principalmente em detrimento dos homens e de uma reflexão, o que é prejudicial para a disciplina. Pois, se a formação é, sobretudo prática e profissional, a reflexão teórica e epistemológica é

⁴ C.A.O. - Cartographie Assistée par Ordinateur - cartografia assistida por computador.

⁵ S.I.G. - Systèmes d'Information Géographique - sistemas de informação geográfica.

⁶ D.E.S.S. - Diplôme d'Étude S.

quase ausente, faltando formação nesse sentido (não existe, por exemplo, nenhum D.E.A.⁷ de cartografia teórica na França), como também faltam pesquisas, pesquisadores e professores-orientadores. Em relação a esse segundo ponto, pode-se constatar que a reflexão teórica e epistemológica sobre o mapa, feita por geógrafos, é também muito fraca na França.

Mesmo os trabalhos fundamentais de J. Bertin sobre a Semiologia gráfica (1967) pouco estimularam a renovação da cartografia em geografia. Em um recente artigo, com um título provocador: “A semiologia gráfica: o retorno?”, apresentado na 17ª Conferência Cartográfica Internacional em Barcelona (1995), os autores ressaltam: “a eficácia da semiologia gráfica parece incontestável. Sua potência parte do princípio central que o mapa pode ser concebido como uma IMAGEM (...). Pode-se, a partir desse momento, se perguntar por que a semiologia gráfica foi tão pouco posta em prática (...). Tudo se passa como se o surgimento do computador, o aumento da potência das análises quantitativas e dos programas (softwares) cartográficos tenham provocado uma parada na reflexão teórica e crítica sobre a tradução gráfica da informação” (de GOLBÉRY et al., 1995-1996).

Mas essa reflexão deve começar a montante da tradução gráfica. Se o cartógrafo pode se contentar (ainda que isso se discuta), o geógrafo não pode deixar de pensar sobre a problematização do mapa, sobre a escolha da base cartográfica e dos dados, na base de toda visualização. Isto é ainda mais importante que a carta temática “colocar em cena as estruturas que, geralmente, não são visíveis na paisagem, mas somente visualizáveis” (TORRICELLI, 1990).

Sobre esse assunto, seria interessante ver e conhecer como o geógrafo procede. Porque e quando ele é levado a realizar (construir) um mapa? Como o geógrafo procede em seu encaminhamento? O mapa sustenta esse encaminhamento somente como suporte de comunicação,

⁷ D.E.A. - Diplôme d'Étude Approfondie - Diploma de estudos aprofundados, que precede ao doutoramento na academia francesa.

como elemento de referência e/ou, também, com função de pesquisa? Por outro lado, por que os geógrafos (que sempre utilizaram o mapa), ressaltaram que o mapa é seu instrumento fundamental” (GABERT, 1992), “um instrumento admirável” (METTON, 1992) ... os geógrafos também estão pouco inclinados a utilizar, a colocar em prática os métodos novos? Nós ressaltamos este fato em relação a semiologia gráfica, mas já no século XIX os geógrafos não estavam avançados em relação as cartas temáticas. G. Palsky (1996) nota: “Antes de 1870, na geografia, não se ressalta (realça) nenhuma forma de interesse pela cartografia quantitativa”.

O interesse proclamado dos geógrafos pelo mapa e a ausência de curiosidade pelos novos métodos que concernem a essa ferramenta não são contraditórios ou talvez sejam significativos de um estado de ser? Como os geógrafos explicam esses fatos?

Para concluir, podem se colocar três questões:

Qual é a definição de mapa para o corpo dos geógrafos?

Como e por que os geógrafos utilizam o mapa?

Como explicar a diferença entre as “novidades” cartográficas e o pequeno interesse com que os geógrafos as considera?

TRADUÇÃO: ANDRÉA DE CASTRO PANIZZA

BIBLIOGRAFIA SELETIVA

Béguin, Michele. Qu'attendent les professionnels des cartographes? Comment adapter les formations? Communication présentée lors des 60 ans de la cartographie. Paris: Institut de géographie, Organisation : Association des Cartographes – Géographes, 1996.

Bertin, Jacques. Sémiologie graphique - Les diagrammes - Les Réseaux - Les cartes, éd. Mouton/Gauthier-Villars, 1967. 431p.

Brunet, Roger. La carte, mode d'emploi. Paris: éd. Fayard/Reclus, 1987. 269p.

Brunet, Roger). Le déchiffrement du monde. Livre premier, Tome I, Mondes nouveaux, Géographie Universelle, éd. Hachette/Reclus, 1990. p 9 à 271.

C.F.C. (Comité Français de Cartographie). Association Cartographique Internationale, organisation et activités, 1995-1999. Bulletin du C.F.C., n 150, 1996. 89p.

De Dainville, François. Le langage des géographes - Termes - Signes - couleur des cartes anciennes - 1500-1800. Paris: éd. A. Et J. Picard et Cie, 1964. 392p.

De Golbéry, Luc; Orhan, Jean-Marc; Le Rolland, P. Sémiologie graphique: le retour? In Comité Français de Cartographie, Bulletin n 146-147, 1995. p 148-152.

Farinelli, Franco. Pour une théorie générale de la géographie. In Géorythmes n 5, Recherches géographiques, Université de Genève, 1989. 81p.

Ferras, Robert et Hussy, Charles. Les concepts de la cartographie: leur rôle dans la recherche géographique, p 209 à 219. In Les concepts de la géographie humaine. Coordinateur Antoine S. Bailly, éd. Masson, 1994. 247p.

Gabert, Pierre et Metton, Alain, sous la direction de. Commentaire de documents géographiques de la France. Paris: Sedes, 1992. 421p.

Harley, Brian. Cartes, Savoir et pouvoir, p19 à 51. In Le pouvoir des cartes, Brian Harley et la cartographie, textes édités par Peter Gould et Antoine S. Bailly. Paris: éd. Anthropos, 1995. 120p.

Hussy, Charles. La carte: un modèle, un langage. Département de géographie, Faculté des Sciences économiques et sociales, Université de Genève, 1990. 173p.

Jacob, Christian. l'Empire des cartes - Approche théorique de la cartographie à travers l'histoire. Paris: Bibliothèque Albin Michel, Histoire, 1992. 537p.

Joly, Fernand. La cartographie. Paris: PUF, Magellan, 1976. 276p.

Lussault, Michel. L'espace en actions. De la dimension spatiale des politiques urbaines, Diplôme d'Habilitation à le diriger des recherches en géographie. Vol. 1 texte de synthèse, U.F.R. Droit, Economie et Sciences Sociales, Université de Tours, 1996. 296p.

Palsky, Gilles. Des chiffres et des cartes - La cartographie quantitative au XIXe siècle. Paris: éd. CTHS (Comité des Travaux Historiques et Scientifiques), 1996. 331p.

Rimbert, Sylvie. Des "bruits" qui brouillent les cartes: les insuffisances de la lecture visuelle des cartes thématiques. In L'espace géographique, n 4. Paris: Doin, 1973. p 313-316.

Rimbert, Sylvie. Géographie et cartographie. In Encyclopédie de géographie, sous la direction de Antoine Bailly, Robert Ferras, Denise Pumain. Paris: éd. Economica, 1995. p 111-139.

Scheibling, Jacques. Qu'est-ce que la Géographie? Paris: éd. Hachette supérieur, 1994. 199p.

Torricelli, Gian Paulo. Le rôle de la carte en géographie: hypothèses et exemples - Ritter et Humbolt ou la carte comme moyen de re-connaissance, p79 à 109. In Modèles graphiques et représentations spatiales, Yves André et al. Paris: éd. Anthropos/Reclus, 1990. 217p.

Vidal de la Blache, Paul. Préface de l'Atlas general. Paris: éd. Hachette cité par Torricelli op. cit., 1894.

Texto entregue em setembro de 2003 e aceito em novembro de 2003.

